

# 24º Acredite quem quiser

Porta-vozes do Governo anunciam que os depósitos à vista nos bancos comerciais cresceram nada menos que CZ\$ 100 bilhões em junho, pulando de CZ\$ 280 para CZ\$ 380 bilhões, em um salto superior a 30% em um mês. O fenômeno, diz a versão oficial, já seria uma consequência do Plano Bresser, lançado a 12 de junho: repetindo o que aconteceu com o Plano Cruzado, no ano passado, as empresas e as famílias brasileiras resolveram deixar o dinheiro parado nos bancos, sob a forma de depósitos, em lugar de aplicá-los no **open** ou em cadernetas de poupança. Tudo, dizem os mesmos porta-vozes, porque a sociedade passou a acreditar na queda da inflação e consequente estabilização da moeda. Será difícil encontrar quem acredite nessa interpretação. Primeiro, porque o Plano Bresser não teve, ao ser lançado, a mesma receptividade, o mesmo crédito de confiança que cercou o anúncio do Plano Cruzado. Segundo,

porque, ainda durante o mês de junho, previa-se uma inflação altíssima, até de 30%, com a possibilidade de ganhos desse nível para os aplicadores em cadernetas de poupança ou no **open** (é preciso crer que, até hoje, o **open** está pagando taxas fixas dos 10% ao mês). Qual seria, então, a explicação real para aquele aumento nos depósitos à vista? A hipótese mais viável é que os bancos vinham declarando níveis abaixo dos verdadeiros, para evitar uma série de desvantagens (aplicação obrigatória de uma parcela dos depósitos em créditos à agricultura ou às pequenas e médias empresas; recolhimento compulsório ao Banco Central e assim por diante). Uma manipulação que, no final das contas, mostra que o controle que o Banco Central tem sobre as operações do mercado financeiro continua precária. O que é péssimo, pois implica em dificuldades para aplicar uma política monetária, de combate à inflação, eficiente.